



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**IDÉIAS MODERNAS E ALTERAÇÕES URBANAS EM NATAL NO INÍCIO DO  
SÉCULO XX.**



**RICARDO JOSE VILAR DA COSTA**

8.5

**IDÉIAS MODERNAS E ALTERAÇÕES URBANAS EM NATAL NO INÍCIO DO  
SÉCULO XX.**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Helder do Nascimento Viana, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Natal/ RN  
2005

**RICARDO JOSÉ VILAR DA COSTA**

**IDÉIAS MODERNAS E ALTERAÇÕES URBANAS EM NATAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Helder do Nascimento Viana, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Aprovada no dia \_\_\_\_\_ de dezembro de 2005.

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana**

---

**Prof. Dr. Rubenilson Brazão Teixeira**

---

**Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais**

**Natal/ RN  
2005**

primeiro lugar, a velocidade tem  
de quem quer que pretenda  
grandes empreendimentos no  
cisaará mover-se para todos os  
rapidez.

*Marshal. Tudo que é sólido  
o ar: a aventura da modernidade.)*

**A minha família e aos meus amigos.**

## **AGRADECIMENTOS**

As pessoas com as quais convivemos, como todas as coisas nesse mundo, podem não durar para sempre. Mas, a exemplo da função desse pedaço de papel, elas ficam registradas em nossa memória por um longo tempo.

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Anna Katharina Vilar Pereira Lago, verdadeira "eminência parda" geradora de exemplos altruístas cotidianos, cuja motivação e força até hoje são para mim surpreendentes e sem a qual este trabalho sem dúvida não existiria. Também devo agradecimentos às minhas irmãs, Renata e Roberta, às quais espero poder agradecer um dia por tudo que já fizeram por mim.

E, por fim, à minha noiva, Alba Isabelle, pela compreensão incondicional e sem a qual os momentos de dúvidas seriam infinitamente mais difíceis. Ser especial (talvez oriundo das florestas da Irlanda) e companheira de todas as ocasiões, a quem irei sempre admirar.

Ao meu pai, que me fez perceber que não devemos desistir, mesmo que passemos por dificuldades.

Ao meu tio, Frederico Vilar Pereira Lago, que será sempre um exemplo de caráter e alegria. O maior "boa praça" que já existiu.

Apesar de avessos a formalidades, agradeço aos meus amigos Leonardo Dantas "Dexter" e Rafael "Farmha" de Medeiros, com quem as sextas-feiras cinematográficas sempre geram debates acalorados, porém descontraídos. O cientificismo do primeiro, grande estudioso da física, e a pedagogia do segundo, um grande agitador social, demonstram sempre que a amizade supera as divergências de opinião.

Por ter trocado um domingo de sol por correções das normas da ABNT, agradeço ao meu colega e amigo André Mendes, cuja ajuda foi providencial e, como sempre, atenciosa.

Agradeço a Luís Felipe Tavares, pelo grande companheirismo, sinceridade e disposição constantes. O meu grande amigo de curso, a quem dedico muita admiração, que extrapola os corredores do setor II da UFRN, a exemplo do seu talento intelectual e musical.

Em termos de academia e aprendizado, devo confessar minha gratidão e respeito àqueles professores que marcaram, cada um à sua maneira, a minha formação ao longo do curso. Agradeço às aulas instigantes de todos aqui citados. Aos professores com quem cursei poucas disciplinas, mas que, mesmo assim, figuram entre as melhores que cursei: Raimundo Arrais e Durval Muniz, pela dedicação e pelas aulas memoráveis. A Aurinete Girão, pela dedicação ao curso e pelo apoio incondicional aos alunos.

Devo especial agradecimento a Raimundo Nonato Araújo da Rocha, um grande professor dedicado a ensinar aos seus alunos não somente História. Suas grandes lições foram e são as do respeito às diversidades, "em diferentes tempos e espaços". Além disso, um amigo professor entusiasmado com as boas experiências vividas em sala de aula, que, foram abundantes.

Essencial neste momento é o meu agradecimento ao meu orientador e também um amigo, Helder do Nascimento Viana, a quem dedico enorme admiração, pela postura sempre ética e pela generosidade. A ele devo especial gratidão pelos textos e temas sempre instigantes apresentados em suas aulas, bem como pela visão altamente crítica que compartilha sempre com seus alunos. Além disso, pelos momentos incontáveis dedicados a esse trabalho, ao qual, a despeito de qualquer dificuldade, sempre incentivou.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> <b>Organizando o espaço</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 2</b> <b>Idéias novas (para uma Cidade Nova)</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3</b> <b>Morando bem</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>54</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>56</b>



## INTRODUÇÃO

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: ...a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes... rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano (...).<sup>1</sup>

As mudanças em Natal no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, período resumido em termos políticos como Primeira República, pode ser analisado a partir das alterações promovidas na organização espacial urbana e nos diversos valores sociais e culturais que marcavam as sociedades nesse momento.

Os paradigmas da modernidade podem ser caracterizados pela busca e crença nas homogeneidades, bem como pelas certezas científicas. Tais aspectos se relacionam com as investidas de diversos setores da sociedade em dotar a cidade de símbolos do progresso, como o papel desenvolvido pela educação das mulheres, bem como pelas alterações que ocorreram na vida dos indivíduos relacionadas à moradia e ao padrão de vida. Trataremos aqui dos hábitos adotados e defendidos pelas classes mais favorecidas economicamente e politicamente. Entretanto, se faz mister termos em mente que na medida em que tal processo ocorria, no panorama geral da sociedade brasileira, como apontam diversos estudos sobre a modernidade no Brasil<sup>2</sup>, as populações mais pobres, responsáveis pelo "desasseio" e pela proliferação de doenças, foram sendo expulsas das áreas centrais das cidades.

<sup>1</sup> BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985. p. 16.

<sup>2</sup> Destacamos o trabalho de Nicolau Sevcenko sobre a modernidade carioca e o de Cândido de Malta Campos, que analisa os investimentos e políticas do Estado na cidade de São Paulo, marcada pela economia do café e pela exclusão dos pobres do centro da cidade.

Em Natal, algumas medidas foram colocadas em prática a fim de que algumas áreas tivessem sua ocupação restringida às elites urbanas. Por isso, procuramos estudar a cidade, como um “cenário” no qual se desenrolam ações e local no qual se inserem diversas representações. Gostaríamos de apontar a idéia de que estudar Natal e as relações que se inscreveram dentro do espaço urbano também significa evidenciar a relevância da própria linha de abordagem e sua relevância social, uma vez que foi difundida a idéia de que antes da Segunda Guerra Mundial “não existia nada” na cidade. A resposta é “sim, existia” e não apenas as relações macro-econômicas caracterizadas pela agro-exportação, mas um conjunto de experiências sociais, culturais, políticas e até econômica de menor nota.

Em 1920, a população da cidade girava em torno de trinta mil habitantes<sup>3</sup>, que aqui trabalhavam, criavam suas famílias, compartilhavam valores etc. Enfim, que viviam na cidade. Por isso, esse trabalho examina a questão de como Natal viveu esse período e quais as causas que levaram à criação de um novo lugar de moradia para a cidade. Através da análise das mudanças inseridas no espaço público, na propagação de idéias educadoras e moralizadoras ou na concepção da chamada Cidade Nova, tentaremos compreender como, em diferentes níveis e espaços, tais alterações eram uma “necessidade” das elites preocupadas com seu papel na cidade, bem como com o papel desta dentro da modernidade.

Nesse sentido, o primeiro capítulo é o momento no qual tentaremos apontar algumas mudanças implementadas no sentido de organizar a cidade ao mesmo tempo em que esta era inserida num padrão moderno, cujas idéias de embelezamento, limpeza e reformas urbanas marcaram o período.

Entretanto, segundo aponta um outro estudo<sup>4</sup>, almejamos demonstrar que a capital do estado nem sempre foi o principal centro das atenções do estado, uma vez que tinha um frágil

<sup>3</sup> COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal – o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio, Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995. p. 79.

<sup>4</sup> RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do Rio Salgado no século XIX*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

comércio e economia local muito tacanha. A debilidade do comércio local no século XIX foi superada durante a Primeira República, momento no qual a capital recebeu investimentos em obras públicas por parte do Estado.

A presença de novos equipamentos possibilitou mudanças significativas nos modos de locomoção, bem como permitiram que áreas mais distantes fossem mais articuladas, o que, por sua vez, fomentou novas relações das pessoas com o espaço urbano e com os usos deste. Por isso, buscaremos relacionar os investimentos no espaço público com os bondes, meio de transporte típico e repleto de significações no que se refere à modernidade.

Relacionado à atuação modernizadora na cidade, apontamos as elites natalenses da Primeira República como principal incentivadora e interessada nas mudanças que foram levadas a cabo durante o período. Conforme veremos, alguns aspectos orientaram a intervenção desta elite sobre o ambiente da cidade, como a construções de diversos monumentos voltados para o culto patriótico e cívico; ou a delimitação de praças e espaços de recreação e lazer, como forma de manifestação do culto ao corpo e a saúde; ou a edificação de um novo tipo de residência marcada pela devoção do indivíduo e da família.

Por outro lado, é importante considerar que é nesse cenário urbano de reformulações que podemos entender a maneira pela qual as sociedades conseguem criar economias de consumo e, ao mesmo tempo, compreender como, através destas, podemos analisar a maneira pela qual conseguem formar cidadãos e consumidores que a mantenham<sup>5</sup>. A criação de papéis sociais é importante para entendermos a disposição e funções de diversos setores da sociedade e por quais motivos apregoavam-se tais compromissos.

No intuito de entender como se formaram ou se reforçavam diversas categorias fundamentais que compunham essa sociedade, tal qual a família, o papel da juventude e o “dever” patriótico com o país e com o progresso, analisaremos o papel de alguns aspectos do

---

<sup>5</sup> BREWER, John, PORTER, Roy. *Consumption and the world of goods*. EUA/ Canadá: Rotledge, 1994. p.1.

pensamento da educação local, sobretudo àquela educação burguesa destinada às mulheres da elite representada pela ação de Henrique Castriciano e a pela criação da Escola Doméstica de Natal. Por isso, no segundo capítulo, alguns elementos centrais dessa "pedagogia" baseada na ciência voltada às funções do lar nos fazem pensar as relações estabelecidas entre os papéis sociais e os anseios modernos.

Desejos de progresso foram os responsáveis pela determinação de posturas específicas, demonstrando que a ordem era uma preocupação constante nessa sociedade, que procurava superar a carência de cultura e de civilização dos períodos anteriores, sobretudo os resquícios coloniais.

Por isso, relacionar o papel das modificações operadas no espaço urbano e os seus principais agentes locais é tarefa buscada no terceiro capítulo, onde também relacionamos tais práticas com as modificações realizadas, e recomendadas por médicos e pelo Estado, nas moradias da Cidade Nova, local que passou a ser ocupado pelas elites e, de maneira mais consistente, a partir dos anos 1910 e década de 1920. Neste momento, procuramos relacionar às idéias pautadas no progresso, na ordenação do espaço público (e privado) e nos princípios modernizadores, o papel desempenhado por tal camada social e a ação dos jornais, principal meio de comunicação da época, na difusão dos padrões de moradia e de modos de vida modernos.

Para este trabalho, utilizamos alguns anos do jornal A República, sobretudo aqueles concentrados no final da década de 1910 e na década de 1920 nos foram fundamentais no desenvolvimento de idéias relativas à formação da cidade e de discussão sobre os anseios modernos transmitidos através dos jornais. Importante para compreender as mudanças inseridas nesse período, os jornais do início do século XX, como A Gazeta do Comércio do período de 1900-1903, que nos foram fundamentais no desenvolvimento de idéias relativas à formação da cidade e de discussão sobre os anseios modernos transmitidos através dos

jornais. Quanto ao periódico oficial do partido republicano – A República – em nosso trabalho de pesquisa como bolsista no projeto “Natal (1889-1930): mudanças urbanas e estratégias sociais”, coordenado pelo professor Dr. Helder do Nascimento Viana, foram consultados grande parte dos exemplares que fazem parte desse período. Da mesma maneira, os Relatórios dos governadores do estado, que nos ofereceram registros sobre a importância do culto cívico e patriótico dentro da cidade. Entretanto, para esse trabalho monográfico, selecionamos principalmente as informações relativas aos anos 1920. Nesse período, notamos uma maior quantidade de referências aos elementos modernizadores presentes na cidade, como se apresentavam as propagandas e anúncios nos jornais e maior ocupação da Cidade Nova.

## CAPÍTULO 1

### ORGANIZANDO O ESPAÇO

A cidade é esse estabelecimento humano no qual os estranhos devem provavelmente se encontrar. A geografia pública de uma cidade é a institucionalização da civilidade.<sup>5</sup>

Nas primeiras décadas do século XX foram estabelecidos diversos significados referentes aos modos de vida urbanos. Propagavam-se idéias e constituíam-se hábitos modernos para a existência dentro da cidade, correlacionados aos novos equipamentos e produtos que compunham, sobretudo, a vida dos indivíduos mais abastados.

A experiência da modernidade na cidade pode ser pensada compreendendo como os elementos locais imbricados com as alterações da cidade durante a Primeira República estiveram relacionados aos novos referenciais, sobretudo, oriundos da cultura européia. Tais referenciais teriam como matriz o projeto iluminista que, desde o século XVIII e, sobretudo a partir de meados do século XIX, significou mudanças rápidas em razão dos novos estímulos provocados pela tecnologia.<sup>6</sup> Além disso, a percepção de tais componentes e sua relação com o fortalecimento de crenças e de certezas atuam no sentido de possibilitar a composição de um quadro do que pode ser compreendido como modernidade em Natal.

O conjunto dessas modificações também é pensado enquanto pretensão da elite local, carnada que dispunha de melhores condições de utilização do espaço urbano. Tal papel se

<sup>5</sup> SENNETT, Richard. O fim da cultura pública. In: \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 323.

<sup>6</sup> BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*.

reforça quando apontamos esses grupos como elementos que ocupavam lugares privilegiados no poder local, seja na educação, na imprensa ou na administração pública. A partir da República, buscaram sua identidade e legitimação enquanto camada abastada da cidade. É o momento de afirmação social e econômica.

Os produtos consumidos na capital deveriam suscitar o progresso, veiculado pela imprensa. A elite faustosa e os referenciais modernos de consumo compunham a "boa sociedade"<sup>7</sup> natalense, responsáveis pela transmissão dos "bons costumes" e pela modernização tecnológica da cidade.

Igualmente, procuraram, no aspecto da distribuição espacial da cidade e, da mesma maneira, através do consumo, exibir-se como "moderna". Os jornais eram um dos grandes vetores de expressão das mudanças operadas nos referenciais responsáveis pela elaboração daquilo que seria o modo de vida "moderno". Ou seja, a propagação de idéias e novos valores, a cargo dos jornais e, conseqüentemente, respaldados pelas elites da cidade, teve grande atuação na capital. A partir das discussões, publicações oficiais e propagandas presentes nos jornais, catalisou-se a divulgação de uma série de mudanças nos modos de vida, incluindo-se, nesse conjunto, a concepção das funções familiares, a noção de lar, de habitação, bem como diversas relações que se inseriam no espaço público.

Inferimos que, nesse sentido, o jornal "A República", publicação a serviço do partido republicano, que detinha o poder político local, era o principal responsável por veicular chamadas para artigos que interessavam, sobretudo, aos pertencentes dos grupos mais opulentos da cidade.

Contudo, opulência não parece ter sido sempre uma das características mais marcantes da cidade, uma vez que, em relação a outros municípios do estado, Natal nem sempre teve

---

<sup>7</sup> Termo utilizado por Maria do Carmo Teixeira Rainho, em "A cidade e a moda", referindo-se às camadas urbanas mais abastadas do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

assegurado o seu papel de principal centro, pois ainda disputava a hegemonia com outras localidades do interior e mesmo com as áreas próximas à capital administrativa.

Somente no século XX Natal se consolidou como centro comercial do estado. Antes disso, competia com outras localidades pela posição de destaque na economia da província, pela função de “cérebro”<sup>8</sup> nesse organismo que era formado pelas articulações comerciais e pela gerência do estado.

Durante boa parte do Império, a disputa se dava entre a capital, que dispunha basicamente de centro comercial isolado na Ribeira e na Cidade Alta, e outros entrepostos comerciais. O comércio pelo Rio Potengi era essencial para a capital da província se manter conectada aos fluxos de comércio que vinham do interior do estado. A cidade correu mesmo o risco de perder a função de capital, sendo ameaçada por Guarapes e Felipe Camarão<sup>9</sup>. Tanta era a fragilidade de sua economia.

Marcado por dificuldades financeiras, pois o Estado não dispunha de recursos para as obras públicas, o período foi importante para a construção e manutenção de aterros ligando as duas margens do Rio Potengi. Entre 1830 e 1870, tentou-se estabelecer Natal como “artéria principal”<sup>10</sup> do tráfego mercantil com o interior. Com a ferrovia, inaugurada na última década do século XIX, o comércio se intensificou no sentido da Ribeira. A cidade, no início do século XX, já assumiria o papel de pólo da economia. Em 1900, além da Estação Ferroviária da Ribeira (1894), Natal também já dispunha do Mercado Público da Cidade Alta (1892), bem como já possuía o teatro, na Ribeira, cuja construção iniciara-se em 1898.<sup>11</sup>

Além desse momento de crescimento, um outro ocorreria alguns anos mais tarde, durante o governo de Alberto Maranhão. Sobre ele, Câmara Cascudo utiliza a expressão

<sup>8</sup> RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do Rio Salgado no século XIX*. Sebo Vermelho, 2003.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Ibid.*, segundo o autor, os documentos da época defendem a cidade como “cabeça” desse corpo.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização de Natal 1889-1913*. Natal: EDUFERN, 2000. p. 56.



“naquele milagroso 1911”<sup>12</sup>, marcado pela instalação de serviços urbanos como o bonde elétrico.

E era nessa sensação, causada pelo convívio com certos elementos tecnológicos que chamam a atenção. Foi na transição entre os séculos XIX e XX que os bondes ganharam destaque como o transporte característico dos meios urbanos. Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros e grande pensador do Brasil no final do século XIX e início do XX, escrevendo sobre suas impressões de quando pela primeira vez deparou-se com um bonde, é testemunho importante enquanto pensamos a questão das cidades e a modernidade, demonstrando o quanto as relações que se estabeleciam na área urbana impressionaram-no e o quanto marcou consciências individuais da época:

Para não mentir, direi o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. (...) sentia-se nele a convicção de que inventara não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade. (...)

Em seguida, admirei a marcha serena do bonde, desfizando como os barcos dos poetas [...] Mas, como fomos em sentido contrário, não tardou que nos perdéssemos de vista, dobrando ele para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua do Catete. Nem por isso o perdi da memória. A gente do meu bonde ia saindo aqui e ali, outra gente entrava adiante e eu pensava no bonde elétrico.<sup>13</sup>

Além de “impregnar” os indivíduos de novos referenciais de deslocamento e possibilitar novos usos do espaço, esses novos mecanismos favoreceram a construção de discursos embevecidos em prol do uso de determinadas áreas da cidade. Em Natal, percebemos tal preocupação com o trajeto e o serviço dos bondes, como nos mostra uma

<sup>12</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. [1. ed.: 1946]. p. 310.

<sup>13</sup> Machado de Assis apud ALBERTI, Verena. *O século do moderno: modos de vida e consumo na República*. In: *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FGV, p. 262.

propaganda, que destacava a boa localização do estabelecimento.<sup>14</sup> O Café Petrópolis oferecia seus serviços, com o atrativo de ser “à beira-mar, com Bonds à porta”<sup>15</sup>. E, também às residências importava a facilidade do transporte, como o anúncio da venda de um terreno situado na Cidade Nova. Os apelos desta propaganda, de 1919, exprimem anseios essenciais para as elites natalenses, como o local da moradia, a proximidade com a Praça Pedro Velho, bem como a comodidade traduzida no papel do bonde:

Vende-se barato:

Um terreno com frente de casa na Rua Trairy, fazendo ângulo com a Rua Deodoro, próximo a Praça Pedro Velho, bonde à porta [...] <sup>16</sup>.

Dentro das modificações tratadas, o comércio desempenhou um papel de destaque, fomentando valores modernos e oferecendo, através do consumo, a possibilidade de abastecimento e recriação de alguns hábitos. Veiculava anúncios que espalhavam as expectativas das camadas privilegiadas de Natal.

A própria aquisição de bens de consumo que caracterizassem determinada classe como “elite”, corresponde a uma tentativa de assimilar valores ou criar distinções sociais dentro da própria sociedade. A moda ocupava grande parte das preocupações dos indivíduos, segundo apontam a grande quantidade de anúncios do final da década de 1910, que buscavam oferecer aos sujeitos inseridos na “boa sociedade” o aparato necessário para a manutenção da beleza e da elegância. Tal elemento subjetivo marca as sociedades de consumo, possibilitando a

<sup>14</sup> As reformas urbanas processadas nos governos de Pedro Velho e Alberto Maranhão buscaram também delimitar áreas que seriam novas áreas da elite, como o bairro da Cidade Nova, criado em 1904.

<sup>15</sup> A REPÚBLICA, Natal, 11 mar. 1924.

<sup>16</sup> Ibid. 05 jul. 1919.

diferenciação social a partir de bens que detém não só um valor de uso, porém um valor de *status social*<sup>17</sup>.

As mensagens dos anúncios, chamavam os membros da elite a se identificarem com o produto vendido. A lógica da distinção social permanece em propagandas do tipo: "Photographia Chic: a preferida da elite natalense"<sup>18</sup>. Ou, repetindo a mesma palavra capaz de separar os "não-sócios" do seletivo grupo de "sócios", "O anel de ouro" tinha a seguinte propaganda no jornal: "... Já é bastante conhecido pela Elite Natalense pela perfeição com que executa os seus trabalhos"<sup>19</sup>. Da mesma maneira, em 1917, encontrava-se a seguinte mensagem afixada na parede da Merceria Paulista: "Cigarros Potengy: os preferidos pela elite natalense".<sup>20</sup>

Outros aspectos contidos nos periódicos, disseminadores dessa "modernidade", consumida e vendida dentro do espaço da capital, podem ser analisados. Dentro dessa perspectiva, notamos que a idéia de "progresso" permeia outras questões do cotidiano da cidade, a partir dessa fonte, o jornal. Através das propagandas, as classes de maior poder econômico, utilizando-se de um discurso específico, podem também legitimar seu poder.

Concomitantemente, os espaços da cidade constituíram-se em fator crucial dentro da lógica moderna, permitindo construções e usos diversos. O crescimento econômico e a necessidade de modernização e de embelezamento, durante a década de 1920, provocaram mudanças consideráveis em diversas áreas de Natal.

Com a estruturação das áreas comerciais e residenciais entre a Ribeira e a Cidade Alta, a Avenida Junqueira Aires configurou-se como essencial para o acesso aos dois bairros. Com os governos republicanos, uma preocupação maior com o incremento tecnológico da cidade também se fez sentir em melhoramentos urbanos. Podemos incluir essa avenida entre as áreas

<sup>17</sup> RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções* – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Ed. da UNB, 2002. p. 63.

<sup>18</sup> A REPÚBLICA, Natal, 04 jan., 1918.

<sup>19</sup> *Ibid.* 05 jul. 1919.

<sup>20</sup> NESI, Jeanne Fonseca Leite. *Caminhos de Natal*. Natal: IH GRN., 1997. p. 105, foto.

de destaque pelo interesse que despertava e como símbolo das modificações regidas pelas elites locais.

Considerava-se, nos primeiros anos do século XX, que a cidade estava sendo “comprimada”<sup>21</sup> entre a região da Cidade Alta e da “Cidade Baixa” - Ribeira. Por isso, o desejo de facilitar o transporte de pessoas e circulação de bens, que foi mais desenvolvido na década 1920, mas já iniciado no segundo governo de Alberto Maranhão, reverberou em modificações nessa área.

A produção do espaço urbano atendeu a demandas específicas de grupos ligados a interesses comuns, apesar de que não seja meramente um “palco” no qual as elites colocavam em prática os seus anseios. A Cidade Nova foi criada, oficialmente, nos primeiros anos do século XX, como uma derradeira medida para que as elites saíssem dessa área que definia os limites da área urbana.

Em Natal, essa elite, composta, sobretudo, por políticos e intelectuais locais, decidiu os rumos da parte central da cidade, apropriando-se das decisões sobre os destinos dados ao espaço urbano. Em “A invenção do Brasil moderno”, Micael M. Herschman e Carlos Alberto Messeder Pereira refletem sobre o uso do espaço urbano quando serve a interesses específicos:

A reformulação do espaço urbano foi uma das estratégias adotadas por este Estado, no início do século XX. A cidade, com sua organização físico-espacial, seus rituais de “progresso” – como no caso das exposições nacionais e internacionais –, passa a ter um caráter pedagógico. Torna-se símbolo por excelência de um tempo de aprendizagem, de internalização de modelos. Assim, quando estes especialistas-cientistas se propunham a reformar, a organizar, mesmo que em nível superficial, a esperança que tinham era de que essa projeção externa, pública, cidadã, pudesse atingir e orientar os indivíduos.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> SANTOS, Pedro Antônio de Lima. *Cidade Nova, 1901: um espaço de representação do novo poder republicano em Natal. Comunicação apresentada na Jornada Internacional sobre Representações sociais*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998-a. p. 8.

<sup>22</sup> HERSCHMAN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. p.27.

A Av. Junqueira Aires separava a Cidade Alta da Ribeira, regiões que rivalizavam dentro de Natal até o final do século XIX<sup>23</sup>. Somente com o início de um processo de aterramento, que teria começado a partir da grande seca de 1903<sup>24</sup>, começou-se a integrar essas duas áreas evidentes e tão definidas.

A ligação entre essas duas regiões da cidade não se deu através, apenas, da melhoria das condições do terreno. Os meios de transporte urbano já estavam instalados em Natal desde 1911. O bonde teve papel fundamental no estreitamento das relações entre essas localidades. Áreas que, no século XIX, disputavam entre si o papel de maior força econômica e urbana de Natal.

A utilização de grandes marcos atende à necessidade de instituir padrões e construir determinadas imagens e referências no espaço da cidade. A constante criação de uma cidade baseada no progresso foi buscada como meio para tirar a cidade do "atraso". A seção "Limpeza pública" denunciava, em 1903, aquilo que a procurava-se evitar: "a imundície das ruas e o desasseio são a causa de muitas doenças epidêmicas".<sup>25</sup> Debandando das áreas "imundas" e "doentes" da cidade, os mais abastados puderam refugiar-se na Cidade Nova, local onde não se conviveria com "o lixo acumulado em diversos becos"<sup>26</sup>.

Essa elaboração do espaço público visava modificar as feições de Natal, dotando-a de elementos modernos. Para a realização dessa tarefa, determinados locais destacam-se pela atenção que receberam, visando dotar as ruas, casas e praças de formalidades do mundo da racionalidade e da ciência. Afinal, como nos diz Richard Sennett, "a geografia de uma cidade é a institucionalização da civilidade"<sup>27</sup>.

<sup>23</sup> RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do Rio Salgado no século XIX*.

<sup>24</sup> Tanto Giovanna Paiva de Oliveira, em "Natal: de cidade a cidade", bem como Madislaine Costa, em sua monografia intitulada "Quando a modernidade vinha de bonde", mencionam o uso das consequências da seca nesse processo.

<sup>25</sup> A GAZETA DO COMÉRCIO, Natal, n. 204, 11 jul., 1903.

<sup>26</sup> *Ibid.*

<sup>27</sup> SENNETT, Richard. *O fim da cultura pública*. In: \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. p. 324.

As reformas nas áreas centrais da capital, como calçamento de avenidas e ruas, acompanhou outras alterações responsáveis pelas mudanças executadas no espaço público, sobretudo na década de 1920.

Buscou-se impedir que impressões como a relatada por Câmara Cascudo, que registrou o “atraso” da cidade vivido pela população num cenário urbano de dificuldades: “Muita gente recorda a Ferro Carril, bondes a burro, estalo de chicote, a parelha de reforço esperando na ladeira da Junqueira Aires, a marcha vagarosa, as pilhérias dos espirituosos, as reclamações”.<sup>28</sup>

Tais idéias eram ressaltadas, demonstrando preocupações em modernizar ou justificar as alterações na cidade, bem como com uma cidade ascética, limpa, higienizada e livre de traços que a ligassem a um mundo já “superado”, mundo do atraso. A Junqueira Aires recebia a atenção e os cuidados responsáveis pelo embelezamento, inspirações européias que operavam mudanças no espaço urbano. Em 1908 haviam sido instalados “10 candelabros elétricos e um belo relógio, fabricados nas oficinas da Fundação Val D’osme de Paris”<sup>29</sup>.

Dessa forma, a ladeira da Avenida Junqueira Aires colaborava no sentido de embelezar e melhorar a estrutura urbana da cidade. Nesse caso, ao contrário do prosaísmo que se possa inferir do comentário, a preocupação com essa região reveste-se de maior importância, pelo fato de ser exatamente a área que unia os bairros que se “comprimiam”, segundo a idéia do Governador Alberto Maranhão, em 1902<sup>30</sup>. Além disso, demonstra que, nesse momento, os investimentos nas condições das ruas da cidade acompanha a ocupação da área da Cidade Nova. Assim, nota-se uma preocupação com a expansão e com a ligação

<sup>28</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*, p. 309.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, 1987: 140. Apud COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, 1998. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p. 107.

<sup>30</sup> SANTOS, Pedro Antônio de Lima. *Cidade Nova, 1901: um espaço de representação do novo poder republicano em Natal*, p. 8.

entre as áreas centrais da cidade, algo que percebemos, inclusive, através das propagandas nos jornais.

A cidade precisava ter suas "artérias" interligadas, facilitando fluxos de pessoas e do comércio, demonstrando a mudança de ritmo. Alteração tal que requeria organização do espaço público. Às áreas centrais cabia o papel de serem locais por onde essas funções deveriam se desenvolver plenamente, numa cidade mais disciplinada:

Nesse período, Natal recebe calçamento em suas principais vias, principalmente na área central, entre elas, a Av. Junqueira Aires, 'uma das grandes artérias da cidade', fundindo ainda mais densamente os bairros da Cidade Alta e Ribeira que começavam a ganhar características de centro urbano (...).<sup>31</sup>

E, na pretensão de assemelhar-se aos melhores centros urbanos, a expulsão das doenças, como os miasmas e as más condições das habitações, foi prática justificada pela crença na ciência da época. Assim, pode-se caracterizar o espaço público como, além de funcional e embelezado, higiênico.<sup>32</sup>

O discurso medicalizante, higienista, é uma das questões fundamentais para se entender as políticas públicas que ocorreram durante a Primeira República. Estas refletem tanto preocupações sociais, o cuidado com a organização da cidade, sobretudo a cidade habitada pela elite, como também refletem uma mentalidade mais adaptada às novas regras de sociabilidade do mundo moderno. A preocupação com a saúde é outra característica importante do período. Novas maneiras de se pensar as práticas sociais e de habitação compunham uma das particularidades dessas transformações.

<sup>31</sup> COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, p.135.

<sup>32</sup> Emanações oriundas do solo que seriam as responsáveis pela contaminação de doenças infecciosas e epidêmicas. São crenças anteriores às descobertas da microbiologia.

A propaganda da época nos mostra a capacidade da cidade de ver-se como “moderna”, capaz de compartilhar alguns padrões da *belle époque*. É nesse contexto que encontramos propagandas que recomendam a boa iluminação e a ornamentação das casas, preocupação marcante nas décadas de 1910 e 1920. O discurso em prol da higiene grassa nos anúncios de *A República*. O maior divulgador do pensamento republicano, assim exprimia o que pensava a ciência e um dos princípios pelos quais se ordenavam as cidades:

Pela higiene pública: Higiene das habitações.

Diz o povo que em casa que entra o sol não entra o médico. É lamentável que... haja ainda quem faça casas com compartimentos escuros sem uma só janela que dê para o exterior. Para corrigir este e outros grandes defeitos das nossas habitações a Repartição Pública de Higiene resolveu não permitir que se inicie a construção de um prédio sem que a respectiva planta seja por ela aprovada. [...]

As habitações privadas, sobretudo as das cidades, devem ter as paredes mestras altas, de dois tijolos, e o solo ou o piso impermeabilizado, para evitar não só a umidade como também os ratos [...].<sup>35</sup>

As recomendações dos médicos, do estado e dos padrões estéticos e higiênicos adotados pelos mais aquinhoados apontam, em Natal, para um processo de pouca tensão entre as classes socialmente antípodas. Apesar das desigualdades sociais, Natal só veio a ter favelas a partir da década de 1940<sup>34</sup>. Com isso, não pretendemos minimizar o quadro de injustiça, catalisado pelos processos capitalistas mais amplos, bem como pelas questões locais que geraram exclusão, caracterizado por diversas formas de dominação exercidas pelas elites da Primeira República. A segregação pode ser percebida de outras formas.

<sup>35</sup> A REPÚBLICA, Natal, 20 mar., 1924.

<sup>34</sup> Rubenilson. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, n.1, p.136, jan/jul. 1996.



A partir da República, uma elite urbana buscou se auto-representar como “moderna”. A cidade passou por reformas, visando à ampliação da área ocupada e planejada, melhoria no saneamento e na higiene pública.<sup>35</sup>

Tentaremos agora compreender como novas características modificaram a cidade, bem como identificar alguns de seus agentes, ideologicamente e materialmente. Ou seja, compreender as características das proposições do pensamento das elites locais, relacionadas aos aspectos mais gerais do mundo moderno. E, por fim, buscaremos apresentar de que maneira, dentro de uma cidade que se organizava e imbricados nos referenciais dessas elites, ganhavam força novos elementos concernentes à moradia numa área recém construída e queria-se “moderna”.

---

<sup>35</sup> SANTOS, Pedro Antonio de Lima. *Natal século XX: do urbanismo ao Planejamento urbano*. 1998. 247f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, São Paulo.

## CAPÍTULO 2

### IDÉIAS NOVAS (PARA UMA CIDADE NOVA)

“Façam o progresso que eu mantenho a ordem”.<sup>35</sup>

“A vós, minhas senhoras, esta nova e augusta  
maternidade: a formação social do Brasil de  
amanhã!...”<sup>36</sup>

No mundo Ocidental, aquilo que se chamou “modernidade”, a partir da segunda metade do século XIX, configura-se como um período nas quais as ações e os pensamentos eram regidos por certezas, por verdades absolutas. Também se pode caracterizar esse momento como um período em que as questões sociais eram coletivas, sendo os valores compartilhados por toda a sociedade. Certos temas eram de interesse mais gerais e não havia uma fragmentação ou diversificação dos interesses e valores sociais, como nos nossos dias.

Em “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, Marshall Berman analisa a modernidade na Europa partindo de textos importantes do século XIX. Nesse estudo podemos perceber que se vivia um período de confiança e de intensas mudanças na sociedade. Tais mudanças se referiam, sobretudo, às mudanças tecnológicas, permeadas pelo paradigma do progresso da civilização ocidental. Seu ensaio sobre o *Fausto* de Goethe aponta, brilhantemente, elementos essenciais dos impulsos criadores e modernizadores.<sup>37</sup>

No Brasil, Nicolau Sevcenko ao caracterizar as transformações urbanas vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro durante a Primeira República, procurou demonstrar como num

<sup>35</sup> Frase inserida num monumento da Praça Pedro Velho, na narrativa de Manoel Dantas. Ver LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. p.51.

<sup>36</sup> CASTRICIANO, Henrique. Sobre “Educação da mulher”. Natal, Tipografia do Instituto – 1911. Conferência. p.307.

<sup>37</sup> BERMAN, Marshal. *O Fausto de Goethe: a tragédia do desenvolvimento*. In: \_\_\_\_\_. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*.

ambiente marcado por classes sociais polarizadas, a população percebia e recebia a “modernidade” de diferentes maneiras. Entretanto “nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações (...) do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos”<sup>38</sup>.

Para entendermos a maneira pela qual a modernidade se instituiu em Natal, podemos buscar os meios pelos quais os valores e ideais modernos se difundiam pela cidade. Quais seus agentes, seus vetores, dentro da cidade, nos permite compreender o pensamento desses agentes locais e algumas características desse período.

Em diversas atividades profissionais encontramos pensadores locais que disseminaram idéias de modernidade. No início do século XX, essas idéias apareceram afinadas com o ideal de progresso, saúde, higiene e beleza. Tudo isso, embasado pelo que a ciência da época elegia como verdade absoluta e tendo nas funções desempenhadas pela família um de seus principais instrumentos. Para Michelle Perrot:

A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhe um sem número de funções. Elemento essencial da produção, ela assegura o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. Garantia da espécie, ela zela por sua pureza e saúde. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. É a criadora da cidadania e da civilidade. A ‘boa família’ é o fundamento do Estado e, principalmente para os republicanos (cf. Jules Simon, *Le devoir* [O dever], 1878), existe uma continuidade entre o amor à família e à pátria, instâncias maternas que se confundem, e o sentimento de humanidade. Daí o interesse crescente do Estado pela família: em primeiro lugar pelas famílias pobres, elo fraco do sistema, e a seguir por todas as outras<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada no Brasil, Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 514.

<sup>39</sup> PERROT, Michelle. Funções da família. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 105.

A idéia de que o meio determinava a condição do homem reverberava de diversas formas. A partir daí podemos compreender a “lógica” responsável pela criação de espaços de exclusão.<sup>40</sup> A preocupação do Estado e da família com a norma, com a ordem, assumiu diversos aspectos. Por exemplo, em A República de 10 de agosto de 1918, em artigo publicado sobre o “saneamento do Brasil”, defendia-se a melhoria do meio que, por consequência, seria o responsável pela melhoria do homem. Acreditava-se que, melhorando “o solo do ponto de vista higiênico e agrícola e o melhoramento do homem será um fato”. Acreditava-se nisso segundo uma lógica oriunda do darwinismo social.

No mesmo artigo, atribuía-se às classes mais pobres, alguns problemas sociais graves. Em defesa da “extinção do álcool”, escreveu-se que “de mãos dadas com o fanatismo religioso, com a politicagem vergonhosa, o álcool escreve páginas dolorosas na nossa história: o Contestado, o Juazeiro, e outros movimentos do mesmo ‘jaez’ que infelicitam ainda nossa Pátria”<sup>41</sup>. E, assumindo uma idéia ainda mais radical, fora dito no artigo que “a raça negra vai pouco a pouco degenerando, não simplesmente pelo cruzamento, mas principalmente pelo abuso da cachaça”<sup>42</sup>.

Finalmente, como fórmula para equacionar essa questão, a idéia proposta era “faça-se a propaganda higiênica nas escolas, nos livros, pelo cinematógrafo, pelos cursos, nas conferências...”. E foi exatamente na Primeira República que se viu uma difusão enorme de propagandas e idéias que defendiam a saúde individual e coletiva, garantida através de instituições como a família e da garantia do cumprimento dos papéis sociais que se atribuíam às mulheres e às crianças.

A Escola Doméstica de Natal, criada em 1918, significou mais um espaço pensado a partir dos paradigmas da modernidade. Neste momento, regido pelas certezas científicas, esse

<sup>40</sup> É o que propõe Sandra J. Pesavento, em seu livro “Uma outra cidade”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

<sup>41</sup> A REPÚBLICA. Natal, 10 ago. 1918.

<sup>42</sup> Ibid.

“notável estabelecimento”<sup>43</sup>, veio fomentar o progresso da cidade através da educação feminina.

O que representava a boa educação, a cultura e a obediência às valiosas regras da sociedade? Esta consistia em, primeiramente, afastar-se dos perigos à sociedade, dos desvios, encarnados no alcoolismo, em toda e qualquer forma de misticismo, na desobediência aos pais e à família etc. Enfim, qualquer atitude incompreendida pela sociedade era encarada como algo desviante e, portanto, passível de exclusão ou, no mínimo, submetido a “melhoria” ou “limpeza”. Em geral, as elites tinham os velhos hábitos coloniais “e que os indivíduos se entregassem ao “lado escuro” das cidades, como por exemplo, os locais de prostituição e jogatina”, consideradas “danosas ao corpo social”<sup>44</sup>.

As normas mais profundas de uma sociedade podem ser estabelecidas de maneiras diversas. A Escola Doméstica de Natal, oferecia às mulheres a oportunidade de aprenderem a portar-se de maneira “adequada” ao que se esperava de alguém que é membro da boa sociedade natalense. Esta escola esteve destinada à educação da elite.

Segundo o pensamento de Castriciano, faltava inserir a educação das mulheres num modelo científico de ensino. Somente este poderia conferir a devida formação prática e minimamente intelectual às mulheres. Vista como elemento a ser tratado pela benevolência e sabedoria pretensamente masculina, sobre elas disse, em 1911: “em regra, como é extraordinária a bondade nativa da mulher brasileira, quando casada, a moça adapta-se logo ao novo meio, passando a ser uma criatura diligente, muito afetuosa e honesta”.<sup>45</sup>

Nesse momento entraria em cena o conhecimento científico, dotando as mulheres da capacidade de discernimento almejada e, além disso, de conhecimentos essenciais à sociedade moderna. A família era o pólo básico de organização para o qual destinava-se atenção. Para o

<sup>43</sup> RELATÓRIO do governador do estado, 1918, p. 10.

<sup>44</sup> HERSCHIMMAN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 27.

<sup>45</sup> CASTRICIANO, Henrique. Sobre “Educação da mulher”, p.301.

fundador da Escola doméstica, apesar de serem “boas criaturas”, faltava às mulheres “o método, a cultura apropriada. Nenhuma noção lhe deram de higiene, química e física doméstica, da medicina prática e nem possui o menor conhecimento de fisiologia infantil”.<sup>46</sup>

Criada a partir de um modelo suíço, difundido na cidade pelo pedagogo Henrique Castriciano, a concepção dessa escola partia do pressuposto de que o espaço das mulheres deveria ser o espaço doméstico. Para isso, toda uma recente “ciência” do lar veio a definir o papel feminino e, conseqüentemente, delimitar outros espaços, como: o espaço do homem, das crianças, das casas e como deveriam ser utilizados, enfim, determinava o que deveria fazer uma família para ser considerada saudável, feliz e harmoniosa.

Através do conjunto de algumas disciplinas ensinadas nessa escola, podemos compreender o que se pensava a respeito dos papéis sociais e a função dessa pedagogia. Em relatório escrito em 1918, o governador do estado Joaquim Ferreira Chaves congratula-se do esforço realizado para que fosse concluída a construção dessa escola e sua instalação no início do ano seguinte, “de acordo com os preceitos da higiene e da pedagogia”.<sup>47</sup>

No mesmo relatório, Joaquim Chaves anunciava a modificação e ampliação do programa de ensino da escola, “especialmente em relação às disciplinas domésticas”. Apresenta a validação social e científica necessária, quando ele fala sobre a necessidade, há mais de um ano, da “criação de um curso primário orientado desde o início para os fins domésticos, medida acertada por ser deficientíssimo o preparo da maioria das educandas”.<sup>48</sup>

Tais observações nos levam a crer que, além da noção quase idílica de que foram somente as impressões de Henrique Castriciano, que teria se entusiasmado com o modelo de ensino visto na Suíça, havia preocupações muito mais específicas com uma série de outras questões. Reforçamos essa hipótese com a observação de que o cenário social suíço era certamente bem distinto do brasileiro e, mais precisamente, do natalense. E, as preocupações

<sup>46</sup> *Ibid.*, p.301.

<sup>47</sup> RELATÓRIO do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, 1918, p. 10.

<sup>48</sup> RELATÓRIO do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, 1918, p. 10.

apresentadas pelo estado são preocupações que se ligam à idéia de uma sociedade controlada desde os ambientes domésticos, sendo o papel da mulher essencial nesse sentido.

Buscando um ensino mais prático, teriam sido fornecidos para a escola, segundo o mesmo relatório, "dois pequenos laboratórios, um a cargo da diretoria, para a análise química dos elementos, e outro, na seção de puericultura, a cargo do professor de higiene, Dr. Varella Santiago, para demonstrações da respectiva cadeira e auxílio da diagnose das doenças infantis"<sup>49</sup>.

Em 1911, Henrique Castriçiano apresentava suas idéias, numa palestra onde sintetizava suas idéias em relação à Educação feminina e à sociedade, composta essencialmente pela família, na qual a participação feminina era peça fundamental. Ele pretendia "aproximar a escola da família, de acordo com a melhor pedagogia contemporânea, e fazer da mulher, educada na simplicidade, no trabalho intelectual e manual bem orientado, um elemento destinado à nação do futuro"<sup>50</sup>.

Os ensinamentos dentro dessa escola, ao menos no que se referem ao ensino primário, consistiam em capacitar as mulheres, como já foi dito, para as funções de organização dos aspectos de uma casa, enfatizando locais como a cozinha e os cuidados com as crianças. Servir parecia a melhor solução para ocupar as mulheres e mantê-las longe dos perigos das ruas e das possibilidades de desvios e, conseqüentemente, evitar alguma desorganização social maior. E, dizia um artigo da Aliança Feminina, em 05 de novembro de 1921: "...a esposa deveria obedecer o seu esposo como a igreja obedece a Jesus Cristo"<sup>51</sup>.

Nesse sentido, as disciplinas ensinadas tinham uma importância considerável, como já demonstrado em 1918. Nesse momento, Natal já havia recebido diversas inovações tecnológicas, reformas urbanas e, os cuidados com o ensino configuravam mais um aspecto a ser constantemente modificado, visando sempre o progresso, a saúde e a higiene. Para isso, a

<sup>49</sup> Ibid., p. 10.

<sup>50</sup> CASTRICIANO, Henrique. Sobre "Educação da mulher", p. 293.

<sup>51</sup> A República, Natal, 05 nov. 1921.

escola seria reaberta, em 1919, com o ensino voltado para a educação das mulheres da elite local, oferecendo a elas aquelas disciplinas essenciais para a mulher burguesa que pretendesse estar bem consigo mesma, com a família e a sociedade:

as seguintes matérias: português, francês ou inglês, aritmética, álgebra, geografia, ginástica, música, leiteria. Cozinha teórica e prática, economia doméstica, lavanderia e engomado, corte e feitura de vestidos, botânica, horticultura, noções teóricas e práticas, compreendendo a puericultura, higiene e socorros urgentes. Trata-se de um verdadeiro curso normal doméstico (...).<sup>52</sup>

Interessante observarmos que a definição daquilo que é feminino foi um dos grandes responsáveis por diversos preconceitos, e vice-versa. Perpetuou-se na memória social brasileira, por exemplo, a ideia de que homens não cuidam de suas casas, que não ocupam a cozinha, não cuidam de plantas, uma vez que atividades domésticas são "coisas de mulher". Nas formas menos perceptíveis de organização e das relações de poder encontramos – como é o caso da vida doméstica - desde as preocupações do Estado com a ordem até questões da vida cotidiana.

As crianças deveriam ser educadas, afim de que o futuro fosse pleno de progresso.<sup>53</sup> Diversas manifestações demonstram a preocupação com as crianças, visando proporcionar a elas um futuro pleno, em que as ideias do presente germinariam através das crianças. Nessa perspectiva, as crianças seriam os futuros adultos responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção da saúde, da higiene, da educação e da beleza pessoais e sociais.

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> George Orwell, romancista inglês, autor de, entre outros, *1984* e *A revolução dos bichos*, escreveu em 1948 que "controlar o presente é controlar o passado". Tal teoria "orwelliana" parece-nos pertinente enquanto ilustração, sobretudo ao pensarmos essa "era das certezas", que foi o primeiro momento republicano e o da modernidade.



Em 1922, durante as comemorações do centenário da independência, a participação das crianças nos eventos foi ressaltada nos relatórios do estado. No relatório daquele ano, o governador Antônio de Mello e Souza, referia-se, com entusiasmo, à participação infantil e à extinção temporária das diferenças sociais, aos eventos realizados nas praças, onde todos se “harmonizaram e nivelaram para honrar à Pátria, honrando-se a si próprios”.<sup>54</sup>

Quanto às crianças, estas encarnavam a esperança no futuro. Dentre os sete dias de comemorações, o último deles foi destinado ao “futuro”, confraternizando várias gerações e brindando às gerações que iriam carregar o fardo da modernidade, aqueles que continuariam o trabalho de levar a ciência e a civilização adiante, através das instituições escolares que, por sua vez, eram responsáveis por parte do ordenamento da sociedade. Neste dia, as comemorações se deram através de

festas isoladas em cada estabelecimento de ensino, com diversões escolares, cantos e conferências, a formatura de todas as escolas na Praça Sete e o juramento solene à bandeira por todos os maiores de 10 anos, a reunião a noite no teatro Carlos Gomes com concerto vocal e instrumental e os hinos patrióticos, admiravelmente entoados por mil e quinhentas crianças, o prazer e o entusiasmo desses depositários de esperanças certificam que eles farão melhor do que nós.<sup>55</sup>

Além dessa responsabilidade cívica, às crianças eram destinados os cuidados do escotismo, que visava dotá-las de conhecimentos e deveres com relação à pátria. A inserção na coletividade era uma maneira de inculcar nos mais novos o respeito solene à nação. O seu método educacional era de muita utilidade pública no sentido de adestrar e garantir maior unidade ao meio social.

<sup>54</sup> RELATÓRIO do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, 1922, p. 7.

<sup>55</sup> *Ibid.*

Durante toda a primeira metade do século XX a vida cotidiana foi constantemente observada pelas autoridades, que buscavam “melhorar” a “raça”. Na Primeira República, as intervenções urbanas visando à limpeza das cidades e dos bairros foi uma preocupação constante. No mesmo sentido, as redefinições urbanas, bem como os novos valores, enfatizavam uma vida onde a cidade deveria ser um espaço de fluxos mais rápidos e entrecruzamentos mais constantes de mercadorias e de pessoas pertencentes a diferentes camadas sociais. Tendo sempre como modelo a Europa, o Brasil, nesse momento, “viu surgir, em seu interior, um conjunto de valores e modelos que a elite dirigente desejava incorporar como referência para a sociedade<sup>56</sup>”. No sentido de remodelar a cidade e os hábitos, as propostas defendidas pelas elites modernizadoras “eram inspirados no modelo puritano, ascético e europeu e ganharam corpo nas reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas deste século. Esses valores foram aglutinados em formulações filosóficas e científicas que procuravam ter junto à sociedade um efeito moral, normatizador”<sup>57</sup>.

Em todo o país, o clima era de grandes modificações dentro das áreas urbanas e no que concerne à saúde, a educação e à higiene. Os debates em torno das melhorias necessárias à saúde chegaram a atingir momentos tensos e conflituosos, como o famigerado episódio da Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro em 1904.

Em 1920, as discussões pareciam permear todo o pensamento dos dirigentes do estado do Rio Grande do Norte, o que podemos inferir através do relatório do governo do estado. Antônio José de Mello e Souza, preocupado com a higiene do estado e da capital, colocava em questão as idéias de que no Brasil havia reformas na área de saúde por todos os cantos e que o país estaria sofrendo intervenções médicas por todas as partes: “não sou do número dos

<sup>56</sup> HERSCHIMMAN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A invenção do Brasil moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*, p. 26.

<sup>57</sup> *Ibid.*

que declamam ser o Brasil “um vasto hospital”, ou sequer um hospital, nem para promovermos o progresso precisamos de chegar a tais exageros [...]”.<sup>58</sup>

Entretanto, o que se segue corrobora a idéia que o governante rejeita, uma vez que pretende que o serviço de higiene seja “omnipresente” e que leve o embelezamento para todos os lugares e domicílios:

mas até os mais saudáveis carecem de higiene para conservar a saúde, e por incúria ou ignorância tudo quanto fazemos é para perdê-la. O serviço de higiene pública, como deve e pode ser feito, têm de agir e pela ação ensinar, há de ser omnipresente para levar o asseio a todos os recantos e o conselho a todos os domicílios [...].<sup>59</sup>

Em Natal, desde o início do século XX, sobretudo a partir do segundo governo de Alberto Maranhão (1908 - 1913), segundo nos mostra Giovanna Paiva de Oliveira, o conjunto dessas modificações já vinha sendo empregado e difundido pela cidade<sup>60</sup>. Difusão através dos jornais locais, sobretudo em *A República* e, implementação através das obras e alterações urbanas, que tinham na ciência técnica sua grande inspiração.

A cidade, bem como o pensamento em relação a aspectos importantes da sociedade aqui apontados, desempenhavam um papel pedagógico muito forte. As comemorações cívicas realizadas na década de 1920, a preocupação com a juventude, com as mulheres e com as crianças, se uniam num sistema complexo, onde a família tinha papel fundamental. O espaço urbano passou a receber uma atenção grande das elites e do estado. Os monumentos erigidos eram responsáveis pela indicação de parâmetros sociais e pelo estabelecimento de pontos importantes, sobretudo nas áreas novas. Isso acarretou, ainda mais, na valorização de certas

<sup>58</sup> RELATÓRIO do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, 1920, p. 20.

<sup>59</sup> *Ibid.*

<sup>60</sup> OLIVEIRA, Giovanna Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal, 1889/1913.*

partes da cidade, como a região próxima à Praça Pedro Velho. A ocupação de áreas consideradas nobres, que será analisada no terceiro capítulo, relacionava-se com símbolos republicanos importantes. O busto de Pedro Velho, fixado em tal praça, simbolizava bem o papel desempenhado pelas elites locais na construção de uma memória, bem como aponta elementos do seu processo de legitimação. A frase lapidar "Façam o progresso que eu mantenho a ordem"<sup>61</sup>, citada na narrativa de Manoel Dantas, indica o papel desempenhado pelas oligarquias nesse período.

Pedagogia não era algo encontrado somente nas escolas. Nesse momento, a grande ênfase nos valores morais e cívicos tinha um papel importante dentro da cidade. E, além das festividades, as construções materiais pretendiam estabelecer e criar uma memória para a população, a partir daqueles que seriam símbolos da grandeza e da nobreza de ações.

Um outro símbolo essencialmente moderno para a cidade era o teatro. Inaugurado em 1904, segundo um projeto de José de Berredo e posteriormente decorado por Herculano Ramos, agregava em si toda a magnitude buscada pela intelectualidade da época, além de representar um local fundamentalmente moderno, inspirado nos modelos da Belle Époque. O teatro, inaugurado com o nome de Carlos Gomes, foi profundamente reformado pelo mesmo Herculano Ramos em 1910, durante o governo de Alberto Maranhão, marcado por grandes mudanças na cidade<sup>62</sup>. Era um local onde as figuras de destaque desfilavam sua elegância, símbolo de uma elite que circulava pela cidade buscando espelhar-se na cultura européia. Relações que se inseriam num "movimento mais amplo, no qual deveriam funcionar como elementos articuladores para intenções de transformação urbana, da mesma forma que em seu

---

<sup>61</sup> Frase que estaria inserida num monumento a Pedro Velho, situado na praça de mesmo nome. Ver LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. p.51.

<sup>62</sup> COSTA, Madalaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, p. 99.

ambiente de origem, mas com objetivos diversos".<sup>63</sup> Assim, as influências externas ganhavam contornos locais.

Externando de uma maneira literária os sonhos de progresso, em 1909, Manoel Dantas proferiu sua palestra intitulada "Natal daqui a cinquenta anos". Esta obra é marcada pela idéia da "inexorabilidade do desenvolvimento da ciência e da tecnologia e trabalho".<sup>64</sup> Tratava-se de um projeto futurista ambicioso para as próximas décadas da cidade, nele Natal aparecia completamente inserida no capitalismo mundial, ao mesmo tempo em que harmonizava a natureza com o progresso.<sup>65</sup>

Conforme assinalou Pedro de Lima, é notório nesta obra a influência das idéias pioneiras do Manifesto Futurista de Marinetti<sup>66</sup>:

[...] bem informado das novidades artísticas, técnicas e culturais existentes nos países adiantados, na Europa e nos Estados Unidos da América, como se sente à vontade para supor novos desdobramentos e novos aperfeiçoamentos tecnológicos. Só a leitura constante e atualizada da literatura artística, científica e tecnológica permitiria tal ousadia.<sup>67</sup>

Manoel Dantas previa uma época regida pela tecnologia e pelo profundo grau de civilização atingido por sua cidade. A esfera em que se vivia parecia mesmo embebida de certeza no progresso. Ele se insere entre os entusiastas locais pelo futuro e, sobretudo, pelo crescimento capitalista. Sua noção de cidade se baseava na funcionalidade, na beleza e na tecnologia. Uma cidade organizada, bem como se buscava para as diversas instâncias da vida, seja no espaço público ou no privado.

<sup>63</sup> CAMPOS, Cândido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002. p. 320.

<sup>64</sup> LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, Sebo Vermelho, 2000. p. 17.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 16.

Através de tais certezas, podemos entender alguns dos fatores que motivaram os valores eram difundidos em Natal durante o início do século XX. A educação "científica" para o lar e para a manutenção dos laços familiares estavam voltadas para a formação de uma sociedade cujo futuro era de esplendor. O mundo novo era admirável. As idéias e as práticas socialmente difundidas concorriam nesse sentido.

## CAPÍTULO 3

### MORANDO BEM

Longe de ser apenas um simples cenário onde se desenrola a vida privada ou uma peculiar junção de "arte e técnica", o projeto habitacional traz em si implicações profundas sobre as pessoas e atividades que vai abrigar. A moradia é elemento da organização social, que ao longo do tempo incorpora significados diversos.<sup>67</sup>

No sentido de modificar as feições e a própria estrutura da cidade, durante as primeiras décadas do século XX, diversas alterações foram realizadas em Natal, a fim de dota-la de um ar mais moderno. Os novos paradigmas baseados nas certezas e as críticas ao mundo oitocentista justificavam as novas propostas, que visavam a higienização, a saúde e o embelezamento.

Várias transformações já haviam sido operadas na cidade desde o final do século XIX e, posteriormente, no segundo governo de Alberto Maranhão, outras mudanças significativas ocorreram em Natal, no sentido de modernizá-la. Por exemplo, a melhoria do sistema de iluminação (com a introdução dos lampiões a gás e depois a luz elétrica) e de transporte público (passando a ser feito através de bondes, primeiramente de tração animal e depois movido à eletricidade) foram algumas delas.

Concomitantemente, a moradia recebia a atenção de intelectuais, administradores e médicos. Com o crescimento das áreas centrais nas cidades brasileiras desde o final do século XIX, estes setores buscaram a resposta para diversas questões referentes ao espaço urbano e sobre a habitação.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> CORREIA, Telma de Barros. *A Construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)*. São Carlos: RIMA, 2004. p. 47.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 1.

A partir do primeiro ano do século XX, oficializou-se o plano de criação do terceiro bairro de Natal: a Cidade Nova.<sup>69</sup> Desde sua origem, fora pensado como um local a ser habitado pela elite. Nesta região atendeu aos princípios da modernidade, no que diz respeito ao espaço urbano - como a presença de avenidas largas, inspiradas nos boulevares parisienses - e a diversas questões relacionadas à habitação - família, consumo, saúde etc. Segundo Pedro de Lima, a criação desse bairro representou:

uma dupla solução para o desejo de auto-segregação das classes dominantes locais. Por um lado, o Plano Polidrelli superaria o antigo desenho irregular originário da cidade colonial, onde as classes sociais conviviam, praticamente, no mesmo espaço ou guardando uma certa contigüidade. Por outro lado, serviria como um refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que, então, grassavam pela cidade.<sup>70</sup>

Esta área permitiria certo isolamento e, ao mesmo tempo, um distanciamento não tão grande assim do centro, do comércio e da região onde se localizavam os prédios públicos, os órgãos administrativos. O pensamento moderno, desde o século XIX já buscava afastar a cidade daqueles elementos arcaicos, insalubres, de moral duvidosa (remédio "tônico" da moral e da saúde). Assim, as elites fugiam do contágio social das doenças e dos desvios vindos das camadas menos abastadas.

Um dos fatores responsáveis pela possibilidade de se criar novas áreas teria sido o bonde<sup>71</sup>. Este era o maior responsável pelo transporte dentro da cidade, uma vez que Natal ainda não possuía outros meios de transporte coletivos e o número de automóveis era pouco significativo até então, sendo restrito à parte da elite local.

<sup>69</sup> "A resolução nº 55, de 30 de dezembro de 1901, que criava o terceiro bairro da cidade, a Cidade Nova". Ver COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, p. 103.

<sup>70</sup> LIMA, Pedro de. *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*. p. 71.

<sup>71</sup> COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*.



Tal elite republicana era formada por pessoas como "Pedro Velho, Juvino Barreto, Padre Migneinho, Padre João Maria, Alberto Maranhão, Augusto Severo, José Augusto, Juvenal Lamartine"<sup>72</sup> e Manoel Dantas.

Ao mesmo tempo, era nessa nova área que os membros da elite, composta por profissionais liberais, comerciantes e membros do poder público, pretendiam habitar, na construção de um modo de vida distinto. Buscavam viver de acordo com os novos referenciais de vida no que concernia à higiene e à saúde, bem como no que se referia à estética, ao consumo e a moradia.

Diversos setores percebiam a moradia como fonte de problemas para a saúde e motivadora de males sociais, além da degenerescência moral individual. Tais idéias estavam embasadas pela ciência, que buscava fornecer o que era considerado como normal e, dessa forma, contribuir para a ordem social.

Buscavam distinguir-se de um modelo de vida relacionado ao século XIX, considerado como "atrasado". No século XIX, a elite da cidade habitava a Cidade Alta e a Ribeira. O modelo de residência construído nesse período era predominantemente um modelo colonial, executado por mestres de obras locais que não detinham o conhecimento da técnica tal qual a ciência moderna apregoaria posteriormente. A estrutura das casas populares era essencialmente colonial, em estilo conjugado<sup>73</sup>, padrão que foi extremamente criticado a partir da República, que defendia um estilo que privilegiasse a ventilação e a iluminação.

Além dessas casas, havia também aquelas pertencentes aos mais abastados, que buscavam prestígio social através do luxo. O estilo evidenciava os elementos bucólicos, referências à vida rural reproduzidas na cidade.

<sup>72</sup> LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, Sebo Vermelho, 2000. p. 50.

<sup>73</sup> TELXEIRA, Rubensilson Brazão. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, 1996, n.1, p.121, jan/jul.

O palacete pertencente ao Coronel Aureliano Medeiros, situado na Avenida Junqueira Aires, citado nas reminiscências de Júlio César de Andrade, possuía “salas e quartos enormes”, além de inúmeras fruteiras, garagem, cavalaria e uma capela. Além desta, podemos citar a mansão do Coronel Avefino Alves Freire, citado pelo mesmo autor, que continha “inúmeras salas e muitos aposentos e cercada de um vasto sítio com muitas fruteiras”. O material empregado nessa obra fora, quase todo, importado. Já o palacete do comerciante Jorge Barreto de Albuquerque era, em 1910, “muito elegante para a época, com estatueta no jardim e com dois pavimentos”.<sup>74</sup>

No que diz respeito à ocupação do espaço, as elites desejavam auto-segregação<sup>75</sup> e ao mesmo tempo, acesso aos serviços e ofertas do mundo na cidade. Certo isolamento permitia que se desfrutasse da vida doméstica e de suas facilidades. Isolar-se representava o rompimento com a vida social e familiar, importantes elos que garantiam a saúde e o bem-estar. Além disso, diversas questões norteavam o comportamento do sujeito no espaço público. O espaço urbano, nesse momento, mostra-se como co-autor, atuando conjuntamente com aqueles que pretendiam tornarem-se bons cidadãos, aqueles mais afinados com os valores e com as regras de conduta da alta sociedade.

Ao contrário, o afastamento total era algo desejado para os que ainda não se adequavam à esfera de vida moderna. Além disso, habitar nas áreas menos favorecidas era uma necessidade dos mais pobres. Habitar no bairro do Alecrim, por exemplo, representava ainda viver a uma grande distância de Natal, segundo afirmou o governador Ferreira Chaves, em 1914. E, Câmara Cascudo corrobora com o governador ao dizer que “raríssimas pessoas habitavam o descampado. Era terra de roçados (...). Umhas quatro casinhas de taipa, cobertas

<sup>74</sup> ANDRADE, Júlio César. *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989): reminiscências*. Natal, 1989. p. \_\_\_\_

<sup>75</sup> LIMA, Pedro de. *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*, p. 71.

de palha, sem reboco, denominadas *capuabas*, estavam dispersas num âmbito de légua quadrada”.<sup>76</sup>

Dessa forma, através da definição dos bairros, estavam delimitados os espaços dentro da cidade, limitando a ocupação, a circulação e determinando as terras a serem ocupadas. O acesso aos terrenos e as casas estava restrito a uma pequena parcela da população. Certamente, em razão disso, ocorrera a “limpeza” da área, a retirada da população pobre do local, garantindo assim o sonho da habitação à europeia, como nos lembram as denominações “Petrópolis” e “Tirof”. Dessa forma, além de ter sido “uma simples fantasia sem justificação real. Uma lembrança da província austríaca, qualquer coisa de reminiscência recalcada de leituras literárias, e nada mais”<sup>77</sup>, os anseios modernizadores operaram mudanças consideráveis no espaço da cidade. E, como o mesmo Luiz da Câmara Cascudo escreveu, referindo-se à Cidade Nova: “As raras choupanas que coincidiam com os traçados iam sendo desapropriadas ou vendidas, preço baixo porque não havia valor para aquelas terras e gentes”<sup>78</sup>.

Entretanto, percebemos que o intento de restringir o acesso ao bairro não foi completamente bem sucedido, uma vez que em determinadas ruas foram construídas casas ainda no estilo conjugado, sem os afastamentos laterais e frontais, que permitiam a plena circulação do ar e iluminação. Este era um dos paradigmas básicos defendidos pelo pensamento científico moderno e que foi empregado em maior parte das construções da Cidade Nova. Ainda hoje, na Rua Açu, pode-se ver casas erigidas de forma conjugada. Terrenos e construções que datam da Primeira República. O desejo de ingressar no prometido mundo do progresso pode ser percebido numa propaganda veiculada no jornal *A República*, de 1921: “Aluga-se casa a casa pertencente ao Dr. Silvino Bezerra, no bairro do Alecrim, com todo conforto de uma habitação moderna”.

<sup>76</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 355.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 353.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 351.

As camadas mais ricas possuíam melhores condições de realizar modificações no sentido de inovar na construção das casas. Às porções menos abastadas, que pareciam ter o mesmo desejo pelo que era novo, restava imitar, na medida do possível, os elementos mais modernos.<sup>79</sup>

Nesse processo, constituiu-se, uma nova relação entre o espaço privado e a cidade. As casas, sobretudo as das elites modernas, inseriam-se dentro de novas relações com o espaço público, que significava acesso a novos serviços. Como nos diz Telma de Barros Correia:

Tal habitat define-se por intermédio de um novo modelo de moradia e de uma nova relação entre moradia e o urbano. Nesta nova relação a casa surge articulada a redes de infra-estrutura que alteram seu funcionamento, a equipamentos de uso coletivo – escolas, creches, etc. – que absorvem algumas de suas antigas funções e a lugares de trabalho externos à habitação, que modificam seu uso.<sup>80</sup>

A mesma autora nos diz que a moradia moderna é destinada ao uso restrito da família nuclear, cujas funções residenciais e de repouso estão agora imbricadas às questões da privacidade, como a preocupação em manter os estranhos afastados do lar.<sup>81</sup>

Foi essa nova racionalidade referente ao lar que se preocupava também com as questões da limpeza e da comodidade<sup>82</sup>. No final da década de 1910 e início da década de 1920, período em que aumentou, nos jornais, o número de anúncios de casas à venda na região da Cidade Nova, pode ser notada a preocupação com os ambientes domésticos. A domesticidade “foi invenção humana assim como qualquer implemento tecnológico. Na

<sup>79</sup> TEIXEIRA, Rubensilson Brazão. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, 1996, n.1, p.121, jan/jul.

<sup>80</sup> CORREIA, Telma de Barros. *A Construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)*, p. 121.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>82</sup> *Ibid.*

verdade, deve ter sido mais importante, pois não afetava somente o ambiente físico, como também a nossa consciência".<sup>83</sup>

Dessa maneira, os objetos que compõem a residência eram elementos importantes na composição do "santuário doméstico" do homem no início do século XX.<sup>84</sup> Em setembro de 1923, uma família, que iria mudar-se para o Sul, anunciava a venda de seus móveis, "todos em perfeito estado", "uma carteira americana, uma estante para livros, um relógio de parede, um guarda louça, um guarda comida, uma mesa de jantar, uma cama de ferro para casal, um contador de eletricidade, um guarda-roupa e um bidet".<sup>85</sup>

A distinção e a individualização, bem como a especialização nos cômodos e a formas de convivência daí resultantes, no que se refere a tais estruturas materiais, são fatores importantes desde o início do século XX, notados já nessas novas casas. Era o que se anunciava numa propaganda da venda de uma casa na Av. Campos Sales, uma rua da Cidade Nova:

Vende-se: na Avenida Campos Sales, terreno 638 m, com ótima casa contendo uma sala, uma saleta, dois quartos, salas de refeições e copa, cozinha, quarto para empregado e banheiro com aparelho sanitário. O dito terreno contém diversas árvores frutíferas.<sup>86</sup>

A casa burguesa era pensada como um lugar no qual a boa saúde, as relações familiares e a privacidade – que, durante o século XX, seria cada vez mais valorizada – relacionam-se com a produtividade no trabalho e com uma série de novos significados atribuídos à vida doméstica e individual, no âmbito da moradia. Para isso, concorreram os

<sup>83</sup> RYBCZYNSKI, Wiltord. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p.61.

<sup>84</sup> CORREIA, Teina de Barros. *A construção do habitat moderno no Brasil (1870 – 1950)*, p. 53.

<sup>85</sup> A REPÚBLICA, Natal, 13 set. 1923.

<sup>86</sup> *Ibid.*, n. 79, 08 abr. 1924.

objetos cada vez consumidos, devido à maior facilidade de importação de materiais de construção<sup>87</sup>.

A movelaria "Loja da noiva" oferecia, em 1923, "Grande sortimento de móveis de estilos modernos e elegantes, fabricados de ótimas madeiras seca para todas as dependências de uma casa"<sup>88</sup>. No mesmo sentido, uma propaganda da "Casa Sion", de propriedade de "Tobias Palatinik e Irmãos", em 1921, preocupava-se com a ornamentação, com o luxo e com o conforto da residência de seus clientes:

#### Casa Sion

Dormitórios completos, porta casacas, toaletes, Psychés Guarda-roupas, guarda-louças, cama de madeira; mobiliário completo para sala de visita, idem para sala de jantar, em diversos tipos desde o mais moderno até o mais simples.

Espelhos, quadros, relógio de parede, jogos de níquel para lavatório, cadeiras de vime [...].<sup>89</sup>

Além da especialização dos ambientes e das funções individuais, que separavam o espaço público dos ambientes domésticos, o governo do tempo, nos diz Telma de Barros, é fundamental na construção desse habitat. E era nesse espaço exterior onde se construía novos espaços da cidade e nos quais os lugares centrais desempenhavam papel importante na consolidação do poder e das elites. À procura pelas melhores regiões para habitar, havia preocupações dentro das casas.

Tanto nos anúncios particulares, quanto no comércio em geral, anunciavam-se bens que constituíam a panóplia da vida doméstica. Os modos de vida estavam intrinsecamente ligados à família, responsável pelo cuidado com os seus membros e definidora da moral. A

<sup>87</sup> TEIXEIRA, Rubemilson Brazão. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, 1996, n.1, p.121, jan/jul. p.126.

<sup>88</sup> A REPÚBLICA, Natal, n. 22, 28 jan.1923.

<sup>89</sup> *Ibid.*, n. 206, 24 set.1921.

dedicação à família não era exercida apenas pelas mulheres. Mas, era uma preocupação geral da sociedade, que zelava por aquilo que acreditava ser o núcleo básico da sociedade e única capaz de manter a coesão social, bem como a segurança e a distinção social.

Nos jornais, a referência à família era algo constante. Em *A República*, grande parte dos anúncios dedicava-se a reforçar a importância desta e propagar os modelos ideais. Inclusive na consolidação das áreas que se afastavam da Cidade Alta, estava presente a preocupação com a ordem do lar e com a distribuição interna da residência, como num anúncio de 1924, que ofertava uma casa na Avenida Rio Branco, dizendo que situava “em um dos melhores pontos para a família, uma casa de tijolos, recentemente construída com bons materiais, tendo as seguintes acomodações: duas salas, uma cozinha, dispensa, dois fornos, aparelho sanitário, etc.”.<sup>90</sup>

Como uma maneira de atrair a atenção e justificação para o boa aquisição que poderia ser feita, os anúncios dos jornais alertavam para o bom local onde se encontrava a residência. Habitar o novo bairro conferia status e, além disso, era para lá que deslocavam-se as famílias da crescente classe média, bem como as mais abastadas. Em razão disso, esses dois elementos constituíam o cerne do conteúdo apresentado no anúncio. Garantia de boa localização e da satisfação que desfrutavam aqueles que habitavam em uma área limpa, higiênica, bela e moderna. Arrematando a qualidade do que estava à venda, informava-se a presença de plantas e árvores frutíferas, numa referência ao que pode ser compreendida como elemento de uma vida marcada pelo bucólico ou como uma recriação do rural dentro do meio urbano. Uma propaganda do início dos anos 1920 vendia “uma pequena casa na Rua Trahíry, no bairro da Cidade Nova, com 721 metros de terreno, contendo parte murada com diversas fruteiras (coqueiros, etc.)”.<sup>91</sup>

<sup>90</sup> *A REPÚBLICA*, Natal, n. 54, 09 mar. 1924.

<sup>91</sup> *Ibid.*, n. 223, 15 out. 1921.

Com a criação do bairro da Cidade Nova, durante as primeiras décadas do século XX<sup>92</sup>, a classe rica da cidade buscou implementar, nas novas construções, características bem distintas daquelas das casas e da estrutura urbana do século anterior. A cidade não estava mais somente “comprimida entre a Ribeira e a Cidade Alta”, como fora dito por Alberto Maranhão à Câmara Cascudo, em carta publicada em 1940.<sup>93</sup>

Aliás, era dessas duas áreas que se “comprimiam” que as elites buscaram sair. E a Cidade Nova passou a ser o local desejado e idealizado. Lá foram erguidas as casas “do dr. João Chaves, a do major Miguel Seabra, José Pinto e outras anunciavam a preferência da região para residências, o que determinou também a Ferreira Chaves construir a Vila Cincinato e a Pedro Velho a Solidão”.<sup>94</sup>

A casa era o local originário do qual se garantia a organização social e as formas de hierarquização das relações entre os indivíduos e do uso do espaço. Dessa forma, as preocupações com a moral, o casamento, o papel das mulheres e o progresso estavam melhor assegurados dentro dos lares. Nas palavras de Telma de Barros:

A casa também pode configurar-se como o lugar da família; o lugar por excelência onde esta se realiza e fortalece; o espaço apropriado à constituição de um lar, com suas trocas afetivas, hierarquias, formas de proteção e controles. A ideia do bem-estar na vida doméstica liga-se intimamente à noção da casa como uma referência espacial fixa da família: seu ponto de partida, seu invólucro, a testemunha de suas alegrias e dores, o chamado “santuário doméstico”.<sup>95</sup>

A Cidade Nova era uma área repleta de significados republicanos, que se opunha ferozmente ao que representasse o “atraso” colonial. A ambição de “civilização” surgia

<sup>92</sup> COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, 1998. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. p. 103.

<sup>93</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 352.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 353.

<sup>95</sup> CORREIA, Telma de Barros. *A construção do habitat moderno no Brasil (1870 – 1950)*, p. 52.



Ribeira acima, cruzando os limites da Cidade Alta, na medida em que a elite se afirmava e legitimava através da habitação numa nova região, bem como pela adoção de hábitos condizentes com o das grandes cidades. A Cidade Nova era construída, invocando a esfera da modernidade. Petrópolis e Tirol como sonhos da elite moderna, abrigando uma série novas significações no que se refere à moda, a moradia, a saúde e a beleza. Nesse sentido, buscava-se consolidar um tipo de vida moderna, como pretendia-se numa propaganda de 1922:

Vende-se: bom terreno em lugar aprazível, medindo cerca de 30 metros de frente por 50 de fundo, estando quase toda a frente murada, contendo duas casinhas, sendo uma de telha e tijolo e outra de taipa, cujo terreno presta-se para edificar-se uma casa moderna, sito à Avenida Floriano Peixoto na Cidade Nova e bem perto da Praça Pedro Velho.<sup>96</sup>

A especialização dos cômodos, bem como a separação entre o público e o privado pode ser compreendida a partir das casas. A criação de um ambiente específico para receber visitas aponta a necessidade dos membros do lar de afastar os estranhos e manter a família resguardada. A “sala de visitas” é umas das características da casa moderna, bem como as varandas, que desempenhavam função semelhante.

Outras partes da residência, exigidas pelos sanitaristas e engenheiros desde o final do século XIX, podem ser interpretadas como vetores no sentido do afastamento da vida privada em relação ao espaço público. O homem moderno, “narcisista”, segundo Richard Sennett<sup>97</sup>, voltava-se cada vez mais para si e para aqueles com quem se relacionava. Os recuos frontais e laterais propostos pela ciência moderna, podem ser compreendidos também nesse sentido. Não interessava mais uma vida “conjugada” ao vizinho, que era importante apenas no sentido

<sup>96</sup> A REPÚBLICA, Natal, n. 113, 24 maio 1922.

<sup>97</sup> SENNETT, Richard. O fim da cultura pública. In: \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*.

de criar-se uma identidade com a região.<sup>98</sup> Mas, ao mesmo tempo, era necessário haver certo distanciamento. Além da luta contra as doenças, construíam-se limites mais rígidos para a propriedade e a vida privada.

Esses fatores estavam presentes nas moradias da Cidade Nova, cada vez mais habitada e presente nos jornais. Sobretudo nos anos 1920, os lotes serão mais valorizados, assim como as características das modernas habitações e os serviços que eram proporcionados ao morador.

Vende-se baratíssimo uma boa casa, recentemente construída, à Avenida Potengi, com sala de visita, de entrada, três ótimos quartos com janelas, sala de jantar, despensa, cozinha, banheiro e aparelho sanitário. É quase toda alpendrada, com bastante terreno e algumas fruteiras; muito próxima da Praça Pedro Velho e, portanto, na linha de bondes de Petrópolis.<sup>99</sup>

Uma das características das casas modernas republicanas é a influência do estilo eclético<sup>100</sup>, onde havia uma mescla de elementos de diversas correntes artísticas e, além disso, permitiam ao proprietário conferir à sua moradia marcas que a tornassem exclusiva. Através de fotografias de casas, compreendidas de 1900 até a década de 1940, encontramos, em Natal, a presença desses elementos, que nos remetem ao pensamento moderno, nas residências. Esse estilo de construção representou "um padrão de qualidade e conforto desconhecidos até então".<sup>101</sup> Sobre esse universo de pensamento e de construções materiais, Carlos Lemos nos diz, em seu livro sobre os preceitos da moradia instituídos durante a Primeira República em São Paulo:

<sup>98</sup> PROUST, Antoine. Transições e interferências. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada*, v. 5: Da Primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras. p. 115.

<sup>99</sup> A REPÚBLICA, Natal, n. 114, 25 maio 1922.

<sup>100</sup> LIMA, Pedro de. *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*. p. 69.

<sup>101</sup> TEIXEIRA, Robenilson Brazão. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, 1996, n.1, p.121, jan/jul. p.115.

Com o armistício, foi retomado com vigor o ritmo das construções – agora, sob nova legislação e com o esquecimento total dos estilos ecléticos, sobretudo, o neo-renascimento difundido pelos italianos, que, de um modo ou de outro, dominaram as construções paulistas, infiltrados também nos escritórios de engenheiros ou arquitetos brasileiros, como Ramos de Azevedo, por exemplo.

Novos hábitos, novos costumes, novos gostos e nova estética. Imprensa modernizada, revistas de divulgação das novidades e o recente formador de opiniões – o cinema. Agora casas iluminadas, arejadas e alegres. Casas cercadas por jardins e flores que passaram a ser chamadas “bungalows”, por influência dos filmes americanos, [...] Só o velho termo *varanda* denominando a grande sala de jantar é que resistiu galhardamente até a Segunda Guerra Mundial. Essa casa alegre é que é o tema do inspirado texto de Guilherme de Almeida, que transcrevemos em nosso livro *Aivenaria burguesa*. Nele, nosso heráldico poeta rememora a velha casa paulista de sua infância como a “fábrica do medo”. Lembra-se dos dormitórios: “Ah! Os quartos! Ah! As alcovas! Era aí que morava a insônia”. Agora, depois da guerra, com as novas leis, com o cinema dando aulas de otimismo, a casa era outra. Casa alegre e batida de sol.<sup>102</sup>

A segurança contra esse mundo “superado” estava nos princípios modernos adotados pelo Estado, na família, na voz dos educadores e, enfim, por toda a ciência da época. A “relativização” einsteiniana, desenvolvida nas primeiras décadas do século XX, parecia não ter promovido muitas dúvidas nesses setores brasileiros.

O papel da família era fundamental, como já apresentamos em capítulo anterior. Na consolidação dos espaços da cidade, ela também atuou no sentido de conferir respeito e legitimidade às habitações nesse período. Durante toda a Primeira República, fez-se presente tal instituição social nas propagandas. Era a garantia, a palavra dada de que o local era respeitoso e isento de qualquer mal. Citar a família representava uma garantia que quase se entendia ao concreto da habitação, como se a casa e a família formassem um só amálgama responsável pela manutenção dos bons costumes. Em propagandas da década de vinte, essa referência era quase constante. Em 25 de maio de 1922, vendia uma “casa, com cômodos para família, com água, a frente e tijolos. Rua da Misericórdia, 22”. Em outra, do mesmo jornal,

<sup>102</sup> LEMOS, Carlos A. C. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 86.

“vende-se casa na Rua Ferreira Chaves, 9, com cômodos para família”<sup>103</sup> Ainda em jornal do mesmo ano, vendia-se “uma boa casa com bons cômodos, para família, contendo luz elétrica e água, à rua 13 de Maio, próximo à Escola de Artífices, de propriedade do Sr. Salustiano Assumpção”<sup>104</sup> E, com ânimo a ser dado à vista, anunciava-se o desejo de comprar “uma casa de tijolo, para família, a tratar na Avenida Jundiá”<sup>105</sup>.

As novas habitações dos mais ricos, sobretudo a partir da década de 1920, atendiam às exigências e aos padrões determinados segundo parâmetros da moda, do Estado e do saber científico. Estes catalisadores sociais do progresso local estimularam a incorporação de novos paradigmas pela sociedade.

Em sua passagem por Natal, em 1929, Mário de Andrade exalta a região do Tirol e Petrópolis, percebendo nas ruas as características buscadas na modernidade local. Considera-se privilegiado por estar hospedado na região do Tirol e não deixa de observar a disposição do novo bairro em relação a outras partes da cidade, como a praia de Areia Preta, que era um local de acesso relativamente fácil, uma vez que já havia linha de bonde ligando a área central até o local onde a elite poderia tomar seus banhos de mar.

É bom não andar muito a pé, logo principiam ladeiras preguiçosas, mansas, compridas, as ruas se alargam, avenidas magníficas cheias de ar [...]. Os espaços vão se tornando cada vez mais largos. No bairro alto de Petrópolis e avenida Atlântica se acaba no dó-de-peito dum belveder e mostra lá embaixo, Areia Preta, uma das praias mais encantadoras que conheço. E, se o rumo foi outro, chegamos ao Tirol, altura onde moro hospedado pela ventania. Eh! Ventos, ventos de Natal, me atravessando como se eu fosse um véu.<sup>106</sup>

A essa região, definida oficialmente como região balneária em 1908, era recanto de pescadores até o ano de 1920, “quando sua popularidade e rude beleza prestigiaram-lhe a

<sup>103</sup> A REPÚBLICA, Natal, n. 114, 25 maio 1922.

<sup>104</sup> *Ibid.*, n. 1, 01 jan. 1922.

<sup>105</sup> *Ibid.*, n. 57, 13 mar. 1924.

<sup>106</sup> ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo, Duas cidades. 1976. p. 233.

fama. Os pescadores foram vendendo ranchos e os natalenses construindo outros". Ainda segundo Câmara Cascudo, era um local de "festas lindas, serenatas, banhos de fantasias, piqueniques espaventosos".<sup>107</sup> Tornou-se região de veraneio, segundo o princípio de busca por locais mais saudáveis e, ao mesmo tempo, afastado e com fácil acesso ao centro da cidade. Nesse sentido, o historiador e folclorista norte-rio-grandense diz: "no tempo em que veraneava ali o comerciante Jorge Barreto, aclamado *conde de Areia Preta* pelos amigos".<sup>108</sup> Para a "praia feliz"<sup>109</sup> aconhia a elite local em busca de banhos, que eram cada vez mais sinônimo de saúde e cura.

Mário de Andrade descreveu o cenário do "bairro alto do Tirol, ruas largas, abertas", de maneira idílica, comparando o local com a "Florença renascente", onde as pessoas "dedilhavam alaúde, a trompa marinha cantando sem mais fim". Segundo a descrição desse intelectual do modernismo, "aqui também. O povo canta, os passarinhos, a gente do povo passando. O homem que leva e traz as vacas daqui de perto, não se trabalha sem aboiar".<sup>110</sup>

Através das descrições de Mário de Andrade, também o ambiente bucólico era uma das características marcantes da cidade, apesar de sua busca pela modernização, exemplificada na ideia do advogado, escritor e jornalista Manoel Dantas de que Natal seria, ainda nos anos cinquenta, uma das mais importantes cidades do mundo.<sup>111</sup>

A região da Cidade Nova reunia diversos elementos modernos. Além de se concentrar sobre as qualidades das casas do bairro, os jornais apelavam para outras questões relacionadas à habitação dessa região. Nos periódicos, destacava-se a localização de pontos comerciais, de casas a venda e o privilégio de ter o bonde à porta. Já haviam sido estabelecidas diversas relações entre morar nessa área e a condição social. Além disso, os fatores sociais de distinção

<sup>107</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*, p. 260.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 260.

<sup>109</sup> *Ibid.*

<sup>110</sup> ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, p. 231.

<sup>111</sup> LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*, p. 34.

importavam, umas vez que para lá se dirigiam pessoas ilustres, responsáveis pela manutenção da ordem e “desbravadores” locais que se dedicavam ao progresso.

É o que destacava-se numa propaganda de fevereiro de 1924<sup>112</sup>, do “Café Petrópolis”. Este local, que funcionava como “hospedaria e restaurante”, além de ser situado à beira-mar, era “o ponto mais saudável de Natal”. Dispondo de uma “cozinha de primeira ordem. Bondes à porta”, seu proprietário, Severino Guimarães, utilizava para o seu negócio as principais atrações e privilégios de quem habitava nessa área: área “saudável” e com o acesso aos bondes, que permitiam o fácil deslocamento. Ordem, limpeza, saúde e beleza, elementos essenciais para a “boa cidade”, local das elites.

Dessa maneira, durante a Primeira República, diversas vozes se misturaram e ressoavam as idéias da modernidade. Os Comerciantes, os educadores e os intelectuais, os saberes científicos, bem como os jornais, contribuíram com a difusão das idéias modernas e através da participação na composição espacial do espaço urbano e em Natal no início do século XX.

---

<sup>112</sup> A REPÚBLICA, Natal, n. 31, 10 fev. 1924.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma cidade moderna certamente demandou profundas mudanças, às quais ocorreram continuamente e de maneira descontínua. Esse trabalho visou ponderar alguns elementos fundamentais de um processo posto em prática durante o início do século XX, que buscava conferir à cidade uma feição moderna. Além disso, tratou dos modos de vida, sobretudo das elites, durante esse período, que incluiu a sua própria legitimação social. E, nesse caso, "moderno" assume diversos significados.

Observando estas mudanças encontramos semelhanças no caráter ideológico das alterações no espaço urbano e, notadamente, nas proposições das elites de Natal acerca da educação e nos diversos valores que compunham aspectos de seu modo de vida, tais quais: a idéia da boa moradia, através da estruturação do bairro da Cidade Nova, que visou definir um espaço que passaria a ser área "privilegiada" da cidade, encontramos semelhanças.

Na busca pelo crescimento ordenado, o plano da Cidade Nova, elaborado pelo agrimensor italiano Antônio Polidreli, foi relacionado aqui a outras alterações dentro da área urbana de Natal, no momento em que a cidade consolidava sua hegemonia comercial nesse período. A divulgação dos anseios das elites dominantes locais não se deu somente através da imprensa, mas por meio da própria construção do espaço público, cuja definição e uso privilegiado atenderam às expectativas destas. Se não atingindo plenamente os modelos inspiradores, oriundos dos grandes centros capitalistas, mas, através de processos próprios e relações específicas, os diferentes elementos aqui analisados modificaram profundamente a cidade.

Neste momento, o caráter polissêmico da expressão "moderno" pode ser trazido à tona, uma vez que foi dessa noção que partiram investimentos no espaço público, a defesa de

instituições sociais como a família e o papel fundamental desempenhado por mulheres e crianças nessa sociedade, bem como as características presentes no estilo de vida buscado pelas elites que passaram a residir na Cidade Nova.

Aparentemente desconectadas, as idéias difundidas nos jornais pelos pensadores locais como Henrique Castriciano e Manoel Dantas, as propostas de organização do espaço da cidade, as ações de melhorias no espaço público e a criação da Cidade Nova, possuíam atributos muito mais próximos do que isolados. Assim, tentamos inseri-los num todo inteligível, "tijolo por tijolo, num desenho lógico".

A intenção desse trabalho foi procurar montar tal quadro, a partir da seleção desses elementos. Temos consciência do caráter incipiente dessa elaboração. Entretanto, esperamos ter contribuído para a formação de novas idéias que permitirão a construção de novos enfoques, novos "desenhos lógicos". Por exemplo, são necessários outros estudos que aprofundem o aspecto relacionado à vida privada, destacando a relação dos indivíduos com a casa e com os objetos que os circundavam e que compunham suas vidas e suas memórias. Acreditamos não tratar-se de deitarmo-nos no "leito de Procusto", mas de esculpir novas histórias a fim de compreender a vida nas cidades em diversos locais e períodos, que se revela dever fundamental em nossos dias.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

**A REPÚBLICA.** 1897, 1901, 1914, 1918, 1921, 1923, 1924.

**A GAZETA DO COMÉRCIO.** 1900, 1901, 1902, 1903

**RELATÓRIO de Presidente de Província do Rio Grande do Norte,** 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1929, 1930.

**ANDRADE, Mario de.** *O turista aprendiz.* São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1976.

**ANDRADE, Júlio César de.** *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989): reminiscências.* Natal, 1989.

**CASCUDO, Luís da Câmara.** *História da cidade do Natal.* 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. [1. ed.: 1946].

**CASTRICIANO, Henrique.** Sobre "Educação da mulher". Natal, Tipografia do Instituto - 1911. Conferência.

**PINTO, Lauro.** *Natal que eu vi.* Imprensa Universitária, 1971.

**SOUZA, Eloy de.** *Costumes locais.* Natal: Verbo, Sebo Vermelho, 1999. [1. ed.: 1909].

**FEITOSA, Polycarpo.** *Gizinha.* Natal: A. S. Editores, 2003.

### Bibliografia

**ALBERTI, Verena.** O século do moderno: modos de vida e consumo na República. In: **GOMES, Ângela de Castro Gomes, PANDOLFI, Dulce, ALBERTI, Verena.** *A República no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FGV.

**BERMAN, Marshal.** *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.* São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

**BREWER, John, PORTER, Roy.** *Consumption and the world of goods.* Whashington: Rotledge, 1994.

**BURKE, Peter.** *História e teoria social.* São Paulo: UNESP, 2002.

CAMPOS, Cândido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

CERTEAU, Michel de. *Caminhadas pela cidade*. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. 2 vols. Rio de Janeiro: Vozes. P. 169-191.

CORREIA, Telma de Barros. *A construção do habitat moderno no Brasil: 1870 – 1950*. São Carlos: RiMa, 2004.

COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, 1998. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MIRANDA, João Maurício Fernandes. *Evolução Urbana de Natal em 400 anos: 1599 – 1999*. Natal: (S.E.), 1999.

LEMOS, Carlos A. C. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

LIMA, Pedro de. *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*. Natal: EDUFRN, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, Sebo Vermelho, 2000.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cidade Nova, 1901: um espaço de representação do novo poder republicano em Natal*. Comunicação apresentada na Jornada Internacional sobre Representações sociais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

NESI, Jeanne Fonseca Leite. *Caminhos de Natal*. Natal: IHGRN, 1997.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal, 1889/1913*. Natal: EDUFRN, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A construção da diferença: cidadania e exclusão social*. In: \_\_\_\_\_. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2001. p. 09-24.

PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada. v. 4 - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PROUST, Antoine. Transições e interferências. In: \_\_\_\_\_; VINCENT, Gérard (Org.) *História da vida privada*. v. 5 - Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções* - Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Ed. da UNB, 2002.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo - séc. XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do Rio Salgado no século XIX*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

RYBCZYNSKI, Wiltord. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. O fim da cultura pública. In: \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 317-328.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TEIXEIRA, Rubemilson Brazão. A evolução da casa potiguar no século XIX: algumas considerações a partir do contexto nacional. *Caderno de História*, Natal, v.3, n.1, jan/jul., p.114-138, 1996.